

## GRUPO PARLAMENTAR ASSEMBLEIA LEGISLATIVA REGIONAL DOS AÇORES VII Legislatura

Plano – Intervenção Faial 2003/12/11 – José Decq Mota

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo

O Povo Faialense tem memória.

Primeiro, uma memória sobre o Passado desta Ilha, sobre a sua grandeza relativa no todo regional. Todos nos orgulhamos desse Passado de expansão económica, social, política e administrativa, que teve no porto da Horta a sua génese, mas rapidamente envolveu a nossa cidade e ilha numa atmosfera de progresso e prosperidade. Não foi por acaso que ganhámos o estatuto de capital de Distrito e que, no desenvolvimento deste nosso modelo de Autonomia, o Faial foi escolhido para acolher a Assembleia Legislativa Regional e duas Secretarias Regionais.

É mercê dessa memória que não nos conformamos com o desprezo a que temos sido votados. Tivéssemos estado sempre isolados e talvez nos custasse menos a pequenez dos que hoje nos abandonam Plano após Plano, Orçamento a Orçamento, ignorando o nosso Passado, congelando o nosso Presente, comprometendo o nosso Futuro.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo

O Povo Faialense tem memória.

E por isso sabe que os travões ao nosso desenvolvimento não foram accionados apenas há sete anos. Já o haviam sido antes de 1996, o que ainda mais agrava a nossa situação.

Valerá no entanto a pena reavivar a memória sobre as promessas não cumpridas pelos Governos Regionais do PS, previstas sucessivamente em Planos de Médio Prazo e Anuais mas nunca consubstanciadas em obras? Vale certamente a pena! Mas, desta vez, vamos afastar-nos da crueza das palavras e da frieza dos números. Vamos tentar concentrar-nos nos efeitos que a ausência de políticas e de obras concretas acabam por ter nas pessoas, afinal os principais destinatários e beneficiários dessas políticas e desses obras. Será indiferente para os faialenses a inclusão ou ausência nos Planos de verbas para a construção de obras essenciais para o nosso desenvolvimento? Será inócua a presença ou ausência de números, a inclusão só para que conste, o desaparecimento de certa verba apesar de a anterior não ter sido aplicada, sinal de que a obra permanece no domínio das intenções?

## Certamente que não.

Não é indiferente que não tenha sido construída a Variante Horta/Castelo Branco, promessa de 1996 do Governo PS.

Porque a ausência dessa obra obriga a que o trânsito pesado continue a passar pela cidade, agravando o estado das nossas estradas e ruas, impedindo a libertação de certas zonas para peões, constrangendo o desenvolvimento do comércio, criando mais problemas de trânsito e estacionamento, comprometendo o Ambiente e a nossa qualidade de vida.

Só a construção dessa variante permitirá igualmente, no seu troço sul, ligar este sul à zona industrial e desviar o trânsito pesado da Estrada da Lajinha, que está cada vez mais insegura e propiciadora de acidentes de viação. Só tal construção permitirá um acesso único ao Porto da Horta, que sirva simultaneamente o Hospital, a zona industrial, estruturas comerciais de dimensão acima da média e, até, o desenvolvimento turístico.

Quantas pessoas beneficiariam com tal obra?

Quantos industriais, comerciantes, consumidores, condutores, turistas e até doentes ficam prejudicados com a completa ausência de qualquer verba para a construção da Variante?

Mas poderia esta promessa não cumprida ter sido atenuada com a reabilitação da Estrada à volta da Ilha (ER n.º 1-1º), obra iniciada antes do sismo de 98 mas depois interrompida com a desculpa de que havia que investir na Reconstrução. Porque têm de ser punidos os açorianos que são também os faialenses por uma catástrofe da qual não tiveram culpa, sobretudo depois de obterem do Presidente do Governo Regional o compromisso solene de que a Reconstrução não afectaria o normal desenvolvimento do Faial? Porque têm de ver progressivamente as suas viaturas a degradarem-se mais rapidamente, apesar de pagarem os mesmos impostos e serem sujeitos às mesmas

fiscalizações onde, naturalmente, mais vezes chumbam? Porque têm de ver constrangidas as suas perspectivas de desenvolvimento turístico, a qualidade no acesso a estruturas industriais e comerciais?

Quantas pessoas são afectadas diariamente com o estado lastimoso em que está aquela Estrada Regional que só no papel é de primeira e todas as outras estradas regionais?

Isto para já não falar das estradas no interior da ilha, as que ligam o Largo Jaime Melo à Ribeira Funda e à Ribeira do Cabo ou à Caldeira? Quantos agricultores, agentes de turismo, turistas e cidadãos estão prejudicados por mais esta obra não realizada?

Não posso deixar de lembrar aqui que aquela estrada ficou no estado deplorável em que se encontra porque foi sujeita a trânsito de pesados excedente para a construção da lagoa artificial para abastecimento de água. O Governo Regional comprometeu-se a, mal terminassem os trabalhos naquela lagoa, repavimentar a estrada. Pois está a estrada na mesma, este Plano nada prevê para a sua repavimentação, e a Lagoa artificial não serve para nada. Para que nos serve a lagoa, sem uma rede de distribuição eficaz, que está a demorar enormemente? Quantos agricultores ficam prejudicados e com custos de produção agravados por não poderem ver a água da lagoa artificial da Falca abastecer as suas explorações agrícolas?

Quantos alunos, professores, pais encarregados de educação, pessoal administrativo e auxiliar sentem dia a dia as dificuldades de trabalharem numa escola secundária completamente ultrapassada, sem espaço ou condições didácticas-pedagógicas mínimas? Como combater assim a ilitercia, o analfabetismo, a falta de qualificação, da qual se ressentem depois os níveis de emprego, a produtividade, a fixação territorial da população, o desenvolvimento?

Quantos faialenses passam diariamente pela vergonha negra que é a Casa Walter Bensaúde, a Casa Grande onde devia estar a sua Biblioteca e Arquivo, numa palavra os seus livros, as suas memórias, os seus Anais?

Quantos atletas têm que treinar e competir noutras ilhas, por ausência do Parque Desportivo da Horta?

Quantos doentes e turistas poderiam visitar ou beneficiar das Termas do Varadouro, por cuja reabilitação e promoção não há qualquer verba inscrita neste Plano, diferentemente das do Carapacho ou das da Ferraria?

Quantos comerciantes, industriais, turistas e cidadãos beneficiariam da construção do prometido Campo de Golfe, da prometida preservação do Farol dos Capelinhos, da prometida ecoteca, do prometido Centro Equestre?

Quantos jovens desta e de outras ilhas beneficiaram com a construção da prometida da Pousada da Juventude?

Quantos sinistrados estão ainda com os seus casos por resolver, vivendo em condições bem diferentes das que lhes foram prometidas?

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhores Membros do Governo

Se somarmos todos os prejuízos, se juntarmos todos os prejudicados, dar-nosà muito.

Se somarmos as escassas obras realizadas e as verbas inscritas nos sucessivos Planos, dar-nos-à muito pouco. Se somarmos as escassas verbas inscritas no Plano de 2004 para o Faial, dar-nos-à quase nada.

Uma única esperança sobrevém com este Plano – a que seja o último a ser aprovado neste Parlamento por uma maioria absoluta.

Os faialenses nada beneficiaram com as maiorias absolutas passadas ou presentes, já ganharam a consciência de que nada ganharam com novas maiorias absolutas coligadas ou solitárias que nos roubam as perspectivas de desenvolvimento.

Os faialenses têm memória e dignidade.

A memória que lhes permite um justo orgulho pelo seu passado, a dignidade que lhes fará lembrarem-se dos que, neste Plano e nos anteriores, se esqueceram de que temos todo o direito ao mesmo Futuro a que aspira qualquer açoriano.